



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE PEDAGOGIA

DJHONE DE BARROS CHAVES SOUZA

**MITO E TRAGÉDIA NA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA DA GRÉCIA ANTIGA: Um
olhar para a narrativa de *Prometeu***

CARUARU

2021

DJHONE DE BARROS CHAVES SOUZA

**MITO E TRAGÉDIA NA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA DA GRÉCIA ANTIGA: Um
olhar para a narrativa de *Prometeu***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Pedagogia do Campus Agreste da Universidade
Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade
de artigo científico, como requisito parcial para
obtenção do grau de licenciado em pedagogia.

Área de concentração: Educação, história e
filosofia da educação

Orientadora: Maria Betânia do Nascimento Santiago

CARUARU

2021

MITO E TRAGÉDIA NA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA DA GRÉCIA ANTIGA: Um olhar para a narrativa de *Prometeu*

SOUZA, Djhone de Barros Chaves¹

SANTIAGO, Maria Betânia do Nascimento²

RESUMO: O mito e a tragédia contribuíram significativamente na experiência educativa da civilização grega arcaica e clássica. Neste texto abordaremos essa experiência em uma perspectiva histórica, partindo de uma pesquisa bibliográfica de autores da história da educação, pedagogia, antropólogos e estudiosos da tragédia grega. Buscamos compreender a partir da cultura grega, as relações entre o mito e a educação que se configurou em um instrumento educativo por meio da tragédia. Nesse processo, partimos da história da Grécia arcaica e clássica, descrevendo como a narrativa mítica caracteriza a cultura e a educação do povo grego, e posteriormente discutiremos o significado formativo da tragédia nessa sociedade. Para tanto, nos valem da tragédia *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo como modelo formativo dessa experiência. A partir desse estudo, reconhecemos o potencial formativo dessas narrativas, que tiveram relevante papel formativo no mundo grego, possibilitando pensar em um modelo de educação na atualidade que não esteja orientado por ideais utilitários, voltado à mera formação técnica, mas que avance na direção de uma formação mais ampla e humanizadora.

Palavras chave: Mito Grego, Tragédia, Educação, Prometeu Acorrentado.

DATA DE APROVAÇÃO: 16 de dezembro de 2021

1. INTRODUÇÃO

As tribos primitivas, através dos mitos explicaram e explicam os fenômenos que cercam a vida e a morte, o lugar dos indivíduos na organização social, seus mecanismos de poder, controle e reprodução. Dentro de dimensões históricas imemorais até nossos dias, as religiões e filosofias têm sido poderosos instrumentos explicativos dos significados da existência individual e coletiva. A poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas insuspeitadas do inconsciente coletivo, do cotidiano e do destino humano. (MINAYO, 1994, p 9)

A relação mito e educação como objeto de estudo, surgiu bem antes do ingresso no curso de pedagogia³, na primeira graduação, na licenciatura de história⁴, sendo mais específico,

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste

² Professora da Universidade Federal de Pernambuco – Núcleo de Formação Docente/Centro Acadêmico do Agreste e Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos – PPGDH/UFPE – e-mail: maria.nsantiago@ufpe.br.

³ Em março de 2017, ingressei no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco no Centro Acadêmico do Agreste em Caruaru – PE.

⁴ Em julho de 2008, concluiu a Licenciatura em História, pela Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim e em janeiro 2010 o curso de pós-graduação em História do Brasil na mesma instituição.

pensou-se em desenvolver um trabalho dentro dessa temática. Porém, não conseguindo orientadores que pesquisassem nesse campo, nem tão pouco conhecendo naquele momento uma bibliografia que conduzisse a um trabalho bem fundamentado, levou o projeto a ser adiado para outra oportunidade.

No curso de pedagogia, mais precisamente no primeiro período, nas aulas de História da Educação, o tema ressurge, agora como possibilidade de ser escrito. No acervo bibliográfico dessa disciplina, especialmente nos autores Franco Cambi, Mario Manacorda e Lorenzo Luzuriaga, que versavam sobre a história da pedagogia e educação, encontramos o referencial teórico inicial, que faltava na primeira graduação. Na leitura desses autores, percebemos novamente a relação formativa entre mito e educação, quando por meio das narrativas, os primeiros educadores reconhecidos, os sacerdotes, educaram seus filhos e discípulos numa tradição oral e posteriormente escrita de geração para geração, como nos aponta Álvaro Vieira Pinto (1985).

No percurso do processo formativo, a cada discussão em aula e ampliação dos conceitos pelos professores, encontrávamos mais sentido para pesquisar e escrever sobre esse processo cultural formativo que envolve a narrativa mítica com a educação. Na abordagem dessa relação mito-educação, partimos do pressuposto, que o mito exerce uma função formativa e é condutor reflexivo, crítico e conscientizador na educação dos sujeitos. Para tanto, assumimos como ponto fundante desse trabalho a cultura grega, que com seus mitos posteriormente levados para o teatro forneceu na forma da tragédia um rico material formativo.

No período clássico, dentre as civilizações antigas, os gregos em especial, desenvolveram seu processo educativo, sua religião, arquitetura e cultura numa perspectiva religiosa/mítica politeísta. É nessa perspectiva que encontraremos o princípio do mito como elemento formativo. Em um breve resgate da história da humanidade e de suas experiências educativas, mitos, lendas e parábolas foram utilizados pelas diversas culturas e civilizações como instrumentos formativos e reflexivos, determinando o modo de pensar e agir desses povos. Partimos dos gregos por acreditarmos que sua cultura e filosofia inspiraram todo pensamento ocidental e que foi nas narrativas homéricas que esta civilização educou por gerações seu povo e aculturou tantos outros.

A sensação é de que o espírito grego habita nossa maneira de compreender o mundo, nós mesmos e os outros. Quando se fala em educar, é impossível não se pensar nessa civilização, cuja reflexão, por imagens, remonta a monumentos, pessoas, modos de viver, de falar, vestir, pensar e agir. (FERREIRA, 2019, p 14)

Amauri Ferreira (2019, p 14) afirma que, “educar a partir de narrativas e representações faz com que os gregos se tornem um povo polido no modo de se compreender o mundo e a eles mesmos”. Então, é comungando do mesmo pensamento que nos norteamos pela cultura grega nessa discussão, onde encontramos a referência primordial de uma educação que se constituiu por meio de narrativas míticas, arte, música e drama. Dessa percepção surge a questão: como o mito e a tragédia relacionou-se com a educação na cultura grega e se configurando em um instrumento formativo?

Para buscar responder essa questão, objetivamos compreender a partir da cultura grega, as relações entre o mito e a educação que o configura em instrumento formativo por meio da tragédia. Buscamos especificamente: 1) descrever aspectos da história grega do período arcaico ao clássico, momento em que o mito se tornou instrumento da educação e 2) discutir o significado da tragédia como potência formativa na sociedade grega.

A relevância do objeto estudado estabelece-se na compreensão de que é a educação fundamentalmente um processo da formação humana, capaz de levar a autonomia e emancipar os sujeitos, situada no contexto das relações coletivas e estabelecida pelo respeito mútuo. Tendo esse compromisso formativo, a educação exerce um papel que colabora com a produção da empatia pelo outro. Dessa forma, acreditamos que mito e tragédia vistos aqui como potências formativas, permitem que se acesse por meio da reflexão sobre as coisas do mundo e o modo de estar nele, desenvolvendo a consciência crítica. A narrativa mítica e mais tarde a tragédia oferecem significativos elementos formativos, que possibilitará educar as emoções. Diante dessa diversidade de sujeitos envolvidos nas relações humanas, pensamos em um modo de educar que não permita o regresso a temas tidos como já superados, de modo que, contribua para a superação de problemas. É esse propriamente o papel da educação, como assinala Jaeger (2013):

A educação participa na vida e no desenvolvimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual; e, uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a **história da educação** está essencialmente condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade. A estabilidade das normas válidas corresponde à solidez dos fundamentos da educação. Da dissolução e destruição das normas advém a debilidade, a falta de segurança e até a impossibilidade absoluta de qualquer ação educativa. (JAEGER, 2013, p 4)

Acreditamos que saber ler, escrever, dentre outros conteúdos próprios do contexto escolar, são elementos básicos para a formação dos sujeitos e acesso aos mais diversos conhecimentos, mas todo esse conhecimento e habilidades adquiridos através do processo

educativo escolarizado, deve ultrapassar o tecnicismo e caminhar junto com uma formação mais ampla. Uma formação que supere o conteúdo, que dentro do espaço coletivo que é a escola, avance nas prerrogativas de formar sujeitos pensantes e atuantes com consciência política, social, cultural e acima de tudo empáticos diante das diferenças inerentes ao espaço escolar e a vida. Nessa perspectiva humanizadora, acreditamos que a narrativa mítica pode colaborar como elemento condutor de uma virtude que ao mesmo tempo que educa, conscientiza. Visando a autonomia e o respeito em relação aos outros.

Os temas educação, mito e tragédia estão presentes em vários estudos, configurando-os como categorias relevantes em pesquisas no campo da educação, psicologia e filosofia. Elencamos alguns desses estudos que nos forneceram referências significativas na elaboração do trabalho e nos propiciou o sentimento de que não estamos sozinhos ao pensar nesse potencial formativo do mito/tragédia que herdamos da cultura grega.

Aline Silva escreve sua dissertação de mestrado “*O sentido educativo do mito na formação do homem grego* (2009) inserida nas linhas de pesquisa de cultura e processos educacionais, discute o sentido do mito na formação do homem grego, nela encontramos algumas referências utilizadas no trabalho. Paulo Souza e José Melo no texto *Prometeu acorrentado: uma proposta esquiliana de formação para o homem clássico* (2011) propõe uma discussão de como se deu o processo educativo do cidadão grego e traz por meio do processo histórico essa análise para a educação contemporânea. O artigo de Enock Peixoto *A mitologia e tragédia como formas de pensar a educação* (2017) aborda a relação íntima da mitologia com a educação, sendo uma geradora da cultura de várias civilizações e Amauri Ferreira no texto; *Os gregos: a aprendizagem pela narrativa e representação* (2019), onde autor revela a formação grega e a construção de uma educação mais ampla por meio das tragédias.

No campo específico da história da educação, nos conduzimos a partir das contribuições das obras de Franco Cambi, *História da Pedagogia* (1999), Mario Manacorda, *História da Educação* (2010) e Werner Jaeger, *Paideia: a formação do homem grego* (2013), como textos norteadores da discussão proposta, traçando, para tanto, um recorte da história da educação nos períodos da Grécia arcaica e clássica. Essa literatura nos permitiu um diálogo entre a educação, o mito e a tragédia no seu percurso histórico, possibilitando uma melhor compreensão de em que momentos o mito e a tragédia surgem na trama educativa.

Ao tratar a questão do mito, trabalhamos com os escritos de Junito Brandão, *Mitologia Grega – Volume I* (1986), entendendo esse autor como um dos grandes referenciais brasileiro no estudo da mitologia grega e latina. Somamos a essas leituras as contribuições de Everardo

Rocha no livro *O que é Mito*⁵ (1996), caracterizado como uma abordagem introdutória ao tema, nele encontramos o conceito de mito desde seu sentido dicionarizado, suas imbricações com o termo narrativa e o uso do termo com diferentes objetivos. Ainda teremos as contribuições do historiador e antropólogo francês Jean-Pierre Vernant, que dedicou vários de seus estudos na mitologia grega, nos livros *Mito e Religião na Grécia antiga* (2009) e *O universo, os deuses, os homens* (2000). Esses autores nos direcionaram para a compreensão de como o mito fomentou a cultura grega, seu comportamento, pensamento, estrutura social e política, que mais tarde veio aculturar o pensamento ocidental. Esses pensadores contribuíram positivamente na composição do trabalho, fornecendo os princípios norteadores e fundamentando especificamente a compreensão dos conceitos, delineando com uma melhor compreensão os temas aqui abordados.

Diante do contexto pandêmico em que nos encontramos, a pesquisa bibliográfica se mostrou como a mais adequada, dada a necessidade do distanciamento social⁶, por seu caráter exploratório-descritivo acompanhado pelo detalhamento das fontes, apresentação do método utilizado e lente teórica que guiaram o trato para com o objeto. Dentro de uma abordagem de natureza qualitativa, “entendida como aquela que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social e é tratada por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais” (MINAYO, 2013). Portanto, buscamos descrever o contexto histórico e social que se encontrava à antiga Grécia. Fazendo a leitura da literatura que a contempla, demarcando os momentos que sinalizavam o mito e tragédia na formação do homem grego e ainda apoiados nas perspectivas de Vernant (2006) e Jaeger (2013) buscamos compreender o significado dessa relação com a educação. Assim, seguimos pelo método histórico, entendendo como o mais adequado teoricamente. Quanto a isso, Marcone e Lakatos (2003) nos indicam: “Partindo do princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado, portanto, é importante pesquisar suas raízes, para compreender sua natureza e função”. Desse modo, busca-se realizar o estudo com o rigor que a pesquisa científica exige.

Por nos valermos do estudo de textos que versam sobre narrativas míticas, entendemos que essas em algumas culturas são consideradas sagradas, e, portanto, a perspectiva teórica

⁵ Everardo Rocha traz uma análise do Mito de Édipo, por meio de chaves de leitura diferentes tornou possível uma melhor compreensão do mito. São elas: as perspectivas de Michel Foucault (o poder), de Sigmund Freud (psicologia) e Lévi-Strauss (estruturalismo).

⁶ A disciplina de TCC1 e TCC2, na UFPE/CAA em 2021, está sendo vivenciada pelo modelo remoto, a construção dos projetos e as metodologias de trabalho estão sendo pensadas como possibilidade da ciência e a pesquisa não se estagnaram.

interpretativa que se apresentou mais adequada na análise dos textos, foi a hermenêutica, que segundo Wivian Weller (2010, p 290) “desenvolve novos enfoques, não só com relação ao objeto a ser estudado, mas ao próprio conceito ou significado da compreensão”. A abordagem hermenêutica que surgiu como reflexão teórico-metodológica para a interpretação de textos sagrados e textos jurídicos, comporta atualmente um grande campo filosófico com diferentes objetivos e métodos interpretativos.

O trabalho está estruturado em duas partes: primeiro trata a história da educação grega nos períodos arcaicos e clássico buscando descrever o significado do mito na formação do homem grego no período arcaico e posteriormente da tragédia no período clássico. Depois apresenta uma análise da tragédia grega desvelando seu potencial formativo, para tanto, aborda o mito de Prometeu, que inspirou a tragédia grega de Ésquilo “Prometeu Acorrentado”. A escolha dessa tragédia, dentre tantas outras, se deu pela percepção formativa e crítica que surge em seu enredo, em um contexto de mudança política, social que se encontrava a civilização grega no momento em que Ésquilo escreve para o teatro grego e por meio do dele denuncia as relações conflitantes do cotidiano da *pólis*.

2. A educação na Grécia arcaica: os mitos e a formação ritual do homem grego.

Ao dizer que a nossa história começa na Grécia, precisamos adquirir uma consciência clara no sentido que neste caso damos à palavra “história”. História significa, por exemplo, a exploração de mundos estranhos, singulares e misteriosos. Assim a concebeu Heródoto. (JAEGER, 1995, p 6)

A Grécia antiga, quanto ao seu surgimento, não foi constituída por um povo único, tanto em relação a sua descendência quanto a sua cultura. Sua topografia, de ilhas e terrenos acidentados, favoreceu o nascimento de vários reinos isolados, independentes uns dos outros e que por razões comerciais e intercâmbios culturais, foram se fundindo e dando forma a um espírito comum. Ligados pela mesma língua, mesmo alfabeto e atividades mitopoéticas, onde se reconheciam. Assim, nasceu a civilização arcaica dos Helenos, apontada aqui por Jaeger (2013) da seguinte maneira.

O Helenismo ocupa uma posição singular. A Grécia representa, em face dos grandes povos do oriente, um “progresso” fundamental, um novo “estádio” em tudo que se refere à vida dos homens na comunidade. Esta fundamenta-se em princípios completamente novos. Por mais elevada que julguemos as realizações artísticas, religiosas e políticas dos povos anteriores, a história daquilo a que podemos com plena consciência chamar cultura só começa com os gregos. (JAEGER, 2013, p 5)

Platão, nomeia Homero o educador de toda a Grécia. Por meio de seus poemas e narrativas educou toda uma civilização e aculturou tantas outras posteriormente. As narrativas poéticas de Homero se configuraram como referência de uma pedagogia do exemplo, como Franco Cambi aqui nos relata:

Estamos diante de “uma pedagogia do exemplo”, da qual Aquiles encarna a *areté*⁷ (o modelo ideal mais completo de formação) ligada à excelência e ao valor. Não só: já a partir da *Ilíada* “a música e a ginástica pertencem ao programa educativo” dos gregos e são indicadas como modelo e programa às jovens gerações justamente pela leitura educativa do poema homérico, que será texto de formação – por séculos – das classes dominantes. (CAMBI, 1999, p 77)

Portanto, destaca-se o fato que o poema homérico “será texto de formação”, mais especificamente das classes dominantes. O espelhamento nos heróis e seus grandes feitos, eram o modo de vida ao qual se desejava alcançar ou igualar-se. Entretanto, um elemento essencial que se imbrica a formação pelas veredas do poema homérico, é a capacidade de seus interlocutores de aproximar-se do mito, de gerar inferências, atribuir sentidos para chegar a uma compreensão que possibilitasse desenvolver uma nova consciência. Esse exercício educativo, propiciado pelo mito, deram força as crenças, o pensar e o modo de ser dos gregos.

O que faz da *pólis* uma comunidade de vida espiritual são sobretudo as leis e os ritos, que formam a consciência do cidadão e inspiram seus comportamentos por meio de normas que fixam ações e proibições. Até os deuses são cidadãos (ainda que todos os deuses do Olimpo fossem cultuados); são deuses que protegem e inspiram a vida da comunidade. (CAMBI, 1999, p 78)

A palavra Mito vem do grego *mythós*, que possui vários significados como relato imaginário, lenda, invenção, palavra ou fábula, mas sua definição está mais vinculada ao termo narrativa. Na linguagem, o mito apresenta-se como uma narrativa que busca explicar fenômenos ou interpretar os acontecimentos reais de forma representativa.

Junito Brandão (1986), compreende o mito como um sistema relativamente coerente, que permite explicar o mundo e o homem numa dimensão cosmológica. Ao seu ver não é possível estudar profundamente a literatura greco-latina sem o auxílio do mito, pois essa reside num universo multifacetado. Esse aspecto que faz do mito uma chave de compreensão

⁷Frequentemente traduzido como “virtude”, mas sua real significação remete-nos à ideia de “excelência”. Cada atividade humana, prática, possui uma *areté* particular.

complexa, também atribuiu a ele um potencial de possibilidades inúmeras, como nos indica Everardo Rocha (1996)

[...] o mito é também um fenômeno de difícil definição. Por trás dessa palavra pode estar contida toda uma constelação, uma gama versificada de ideias. O mito faz parte daquele conjunto de fenômenos cujo sentido é difuso, pouco nítido múltiplo. Serve para significar muitas coisas, representar várias ideias, ser usado em diversos contextos. (ROCHA, 1996)

Everardo Rocha, traz a definição de mito e junto com ela concebe sua função social, afirmando que: “o mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações” (ROCHA, 1996, p. 3). O mito historicamente compõem essas narrativas acerca dos tempos heroicos que no caso dos gregos guardam um fundo de verdade. Como elemento educativo, foram utilizados numa tradição oral e/ou escrita, transmitindo uma mensagem indireta, possibilitando uma analogia que visava educar ou servir como exemplo para se alcançar um modo do ser, partindo da reflexão/imitação sobre tais narrativas. Dessa ideia, que o mito narrado deve ser um exemplo a ser seguido e que funciona como elemento reflexivo, nos faz crer que a narrativa mítica é um instrumento que educou através do espelhamento, da reflexão e da crítica. E o contexto da antiga civilização grega arcaica apresenta-se como referência dessa “pedagogia do exemplo”, como destaca Jaeger (2013):

Trata-se do significado pedagógico do exemplo. Nos tempos primitivos, quando ainda não existia uma compilação de leis nem um pensamento ético sistematizado (exceto alguns preceitos religiosos e a sabedoria dos provérbios transmitida por via oral de geração em geração), nada tinha, como guia de ação, eficácia igual à do exemplo. (JAEGER, 2013, p 57)

A constituição de uma cidade-estado, a *pólis*⁸, na Grécia arcaica, favoreceu a formação de reinos independentes, que organizaram sua política com uma forte unidade espiritual, religiosa e mítica, tendo em suas leis, ritos, agonística⁹ e mais tarde no teatro uma vida comunitária intensa.

No que tange a educação no período arcaico, os gregos configuram-se em um modelo dual: “Para as classes governantes uma escola, isto é, um processo de educação separado,

⁸Na Grécia Antiga, a *pólis* era um pequeno território localizado geograficamente no ponto mais alto da região, e cujas características eram equivalentes a uma cidade. O surgimento da *pólis* foi um dos mais importantes aspectos no desenvolvimento da civilização grega no século VIII a.C.

⁹Na Antiguidade greco-romana, ciência e prática dos combates ou lutas corporais, consideradas uma utilização especial da ginástica.

visando preparar para as tarefas do poder, que são o “pensar” ou o “falar” (isto é, a política)” (MANACORDA, 2010, p 58). Nesse contexto aristocrático, a educação heróica também valoriza os exercícios e competição em jogos, onde o espírito da luta torna-se o critério fundamental da educação, que formará na juventude os guerreiros e mais tarde na velhice, os políticos.

Para as classes mais pobres, não havia escolas, nem treinamento, mas sim um processo de aculturação, que vem das classes altas para as subalternas em uma relação estabelecida na servidão e dominação.

A respeito, convém lembrar que a distinção de dominantes e dominados¹⁰, passada em seguida para a nossa cultura, tem suas origens na escola pitagórica. Arquitas de Taranto escreve: “Toda sociedade é formada de dominante e dominado: por isto, como terceiro elemento intervém a lei”. (MANCORDA, 2010, p 58).

Para essa classe de dominados, outra educação é pensada e um outro poeta se destaca como referência para essa casta menor. Hesíodo (século VIII a.C.) em poemas que desenvolviam aspectos educativos sobretudo para o povo, em especial os camponeses, indicava práticas de iniciação por meio de provas rituais, que as culturas arcaicas se utilizavam para inserir os jovens na vida adulta e enaltecer o trabalho, cujo exemplo é *Os trabalhos e os dias*, que constituía segundo Manacorda (2010) “um testemunho excepcional do trabalho, contra os poderosos e os prepotentes”. Em um trecho do poema, podemos perceber o uso do mito como elemento formativo do caráter, quando ele diz: “... lembra-te da minha exortação e trabalho, ó Perses, rebento divino para que a fome te odeie e a *gloriosa e honesta Deméter* te ame e encha de provisões o teu celeiro...”. Mais à frente ele continua: “Quem vive sem fazer nada, *deuses e homens* o rejeitam com cólera” (MANCORDA, 2010, p 62). Pode-se observar que ao exaltar o trabalho, Hesíodo afirma que a deusa da fertilidade Deméter, é “gloriosa e honesta” e encherá seus celeiros de provisões pelo fato dele se entregar ao trabalho sem queixas e que aquele que vive sem fazer nada é rejeitado, tanto pelos “deuses”, quanto pelos homens. Esse potencial formativo do mito, aparece fortemente nas narrativas e poemas gregos.

Os seres míticos que fundamentam os trabalhos sacerdotais ou as histórias míticas dos feitos dos heróis e deuses que inspiraram a poesia de Homero e Hesíodo, vislumbraram nos homens de cada época uma forma de serem lembrados pelos seus feitos através da história, de

¹⁰ Provavelmente mais tarde, encontraremos o mesmo fundamento de divisão de classes e relações de dominantes e dominados nas teorias marxistas, mas nosso foco não será tratar dessa questão nesse trabalho, o que aqui cabe destacar é a relação dualista que a educação adquire e como influência nas relações de poder e domínio, que já se iniciava como o dualismo.

modo que, a narrativa do mito serviu como um espelho comportamental. Por vezes, se afirmou que os reis eram a própria encarnação de um Deus ou que esses teriam sido escolhidos por uma divindade para governar, em outros cenários eles eram semideuses (filhos dos deuses) e/ou heróis dotados de virtudes sobrenaturais. Quanto a isso, alerta Brandão (1986):

O mito, porém, não possui outro fim se não a si próprio. Acredita-se nele ou não, à vontade, por um ato de fé, se o mesmo parece “belo” ou verossímil, ou simplesmente porque se deseja dar-lhe crédito. Assim, é que o mito atrai, em torno de si, toda a parte do irracional no pensamento humano, sendo, por sua própria natureza aparentado a arte em todas as suas criações. E talvez seja esse o caráter mais evidente do mito grego: verificamos que ele está presente em toda atividade do espírito. (BRANDÃO, 1986, p 14)

Assim, o mito não pode ser considerado de maneira leviana, como uma narrativa lendária ou canção por seu artifício poético ou artístico simplesmente. As narrativas adquirem uma função afirmativa de uma pretensa predestinação à grandeza, que cumpriram por gerações um objetivo de domínio desejado. Sobre isso Vernant (2006, p. 25) afirma: “acabou-se o tempo em que se podia falar do mito como se se tratasse da fantasia individual de um poeta, de uma fabulação romanesca, livre e gratuita, até mesmo nas variações às quais se presta, um mito obedece a limitações coletivas bastante estritas”.

Na civilização grega, narrativas míticas como: a *Ilíada* ou a *Odisseia* de Homero; os doze trabalhos de Hércules; Jasão e o velocino de ouro; Teseu e o Minotauro; e até Os trabalhos e os dias de Hesíodo; dentre tantas outras, deu ao mito um papel instrumental educativo, fazendo de Homero e Hesíodo os grandes educadores desse período, como assim foram intitulados.

Jean-Pierre Vernant, tratou as narrativas homéricas na obra *Mito e Religião na Grécia* (2009), como um instrumento de múltiplos sentidos e pouco efetivo, numa perspectiva platônica, ele afirma: “Para quem cumpre os ritos, basta dar crédito a um vasto repertório de narrativas conhecidas desde a infância, em versões suficientemente diversas e em variantes numerosas o bastante para deixar, a cada um, uma ampla margem de interpretação” (VERNANT, 2009, p 12). O que os mitos homéricos poderiam permitir é esse leque interpretativo aberto, porém para além do direcionamento a qual o mito se prestasse, ele permaneceu como instrumento educativo, mesmo que sendo por vezes relegado ao termo *estória*¹¹, correndo o risco de tornar-se insignificante ao ser interpretado como uma mentira ou ilusão poética.

¹¹ A palavra *estória* é por vezes usada para definir uma narrativa fictícia, utilizada por vezes para se diferenciar da palavra *história* que se refere a um fato real.

Junito Brandão citando Pierre Grimal afirma: “Para um grego, um mito não conhece limites. Insinua-se por toda parte (...) Reserva de pensamento, o mito acabou por viver uma vida própria, a meio caminho entre a razão e a fé” (BRANDÃO, 1986, p 14). Portanto, podemos afirmar que

o mito não seria uma narrativa ou uma fala qualquer. Se assim o fosse ele se descaracterizaria, perderia sua especificidade. Seria tragado, submerso pelo oceano de narrativas, falas e discursos humanos. O que marca o ser humano é justamente sua particularidade de possuir e organizar símbolos que se tornam linguagens articuladas, aptas a produzir qualquer tipo de narrativa. O ser humano fala e muito. Se o mito fosse uma narrativa ou uma fala qualquer, estaria diluído completamente. (ROCHA, 1996, p 3)

Para Everardo Rocha (2006), “fora da história, o mito não fala diretamente, ele esconde alguma coisa. Guarda uma mensagem cifrada. O mito precisa ser interpretado. Finalmente, o mito não é verdadeiro no seu conteúdo manifesto, literal, expresso, dado”. No entanto, possui um valor e mais que isso, uma eficácia propositiva. Acreditamos que a narrativa mítica está vinculada com o ser humano e o tempo histórico em que o mesmo se encontra. Tal como, o mito expressa sentidos a quem o escuta, as vivências atribuem sentidos ao mito narrado, em um processo de troca que articulada a experiência temporal, define conceitos, dando forma a culturas, ao modo de ser, pensar e agir. Talvez por isso, o mito possua tantas versões de uma só história. O mito grego iluminado de ideias faz dessa cultura um campo fecundo para se pensar e questionar de modo mais consciente, o estar no mundo. Como acima afirmou Junito Brandão (1986, p 14): “verificamos que ele está presente em toda atividade do espírito”.

2.1 A Grécia clássica e o despertar da tragédia

Na afirmação da *pólis* e organização política do Estado, administrada em momentos transitórios por regimes monárquicos, oligárquicos, democráticos e por vezes tiranos, o poder era regulado por ações de assembleias, com cargos eletivos. A Grécia arcaica sofre uma mudança profunda, organizando-se cada vez mais em cidades-estados bem estruturadas politicamente e também abertas ao comércio e turismo.

Nos séculos V e IV a.C. dá-se início ao período clássico da civilização grega, onde teremos as cidades de Esparta e Atenas como modelos antagônicos de representação na educação. Enquanto a primeira exalta o atletismo e a formação do guerreiro, a segunda exalta a estética, a música e a palavra. Assim, se desenvolve a democracia em Atenas, junto com a

filosofia e a arte, fazendo de Atenas uma *polis* com modelo superior de cultura e educação, com uma forte representação nos filósofos que nela viviam.

A palavra educação que vem do latim *educatĭo,ōnis*, significa ação de criar, de nutrir, cultura ou cultivo. O processo histórico da educação do homem foi essencial para o desenvolvimento dos grupos sociais dos mais diversos povos, o que torna relevante conhecer sua história para compreender os atuais rumos da educação no presente. Como estrutura mais organizada, a educação tem nos sofistas e filósofos da Grécia e nas ciências da filosofia, matemática, geometria, astrologia dentre outras, o princípio de um modelo educativo, de temas a serem estudados e pensados para se formar os homens de sua época. A filosofia se consolida como uma ciência, que inspira a educação, a estrutura política e o conceito de democracia que nos acompanha até os dias atuais.

Na Grécia clássica surge o ideal de *paidéia*, modelo de educação que visava à preparação do cidadão para a vida adulta, tendo como princípio a justiça. Segundo a análise de Werner Jaeger, em seu sentido platônico, a *paidéia* tem como meta suprema “o conhecimento da ideia do Bem, medida das medidas” (JAEGER, 2013, p 887), como “uma alegoria da natureza humana e da sua atitude perante a cultura e a incultura” (IBIDEM). Esse novo modelo de educação modifica a lógica anterior, agora a educação tem como sentido maior a razão, e o homem está mais centralizado nesse processo formativo. Mas a *paideia* grega não pode ter um termo único para defini-la, pois o conceito abarca um modelo de educação que acompanhava toda formação dos homens. Desde a sua infância até a fase adulta, constituída nos mais diversos contextos, iniciada na família, porém também presente na vida cultural, social e política dentre outros espaços formativos. O surgimento desse ideal educativo é entendido como nos aponta Franco Cambi (1999, p. 85) “o período de iluminismo grego”. O que leva o termo *paideia* a ser apontado como uma formação completa. Entretanto, cabe destacar que a *paideia* grega teve em sua formulação vários pensadores, que deram ao termo particularidades, que ampliou seu sentido e diante de cada pensador teve específicos modelos teóricos que a diferenciava, por exemplo, os filósofos Sócrates, Platão, Isócrates e Aristóteles desenvolveram cada um seu modelo de *paideia*.

A cidade de Atenas no período clássico configura-se com um forte vínculo coletivo e como Tucídides a reconhecia “a cidade é uma empresa educativa” (CAMBI, 1999). Esse vínculo favorece uma integração que garante a sobrevivência e a segurança da cidade. O caráter formativo dessa coletividade torna-se mais nítido, quando encontra no teatro seus espectadores, como aqui nos fala Franco Cambi (1999, p. 79): Um dos instrumentos fundamentais dessa

educação comunitária é o teatro, a tragédia e a comédia, que é um espelho da comunidade e que enfrenta seus problemas de legitimação das normas e de descrição/avaliação dos costumes.

No teatro, as tragédias e comédias do período clássico encontram o locus para denunciar e/ou satirizar os problemas sociais e políticos, fermentando a cultura grega, nas festas dedicadas a Dionísio – Deus do vinho. Pela tragédia o mito mune-se de uma função reveladora das fraquezas humanas, trazendo nas relações de suas personagens os problemas econômicos, religiosos, políticos e sociais nos comportamentos dos deuses e heróis. Funcionando como um educador coletivo das massas, “o teatro é também uma forma de educar o povo. Os espetáculos iniciavam-se ao romper da aurora, com tragédias e comédias. [...] Tem-se, no teatro, uma possibilidade de se aprender com a representação dos atores.” (FERREIRA, 2019 p 25)

Assim, o teatro torna-se um locus de reflexão que permite inferir sentidos ao que está sendo narrado e influenciar a realidade, pois muitos dos enredos trágicos estavam em consonância com o cotidiano grego. “É nessa arte que a educação torna-se uma aprendizagem da ação, seja pelo trágico ou pelo cômico” (FERREIRA, 2019). Tais reflexões, permitem pensar soluções para problemas, vislumbrar um novo modo de enxergar o mundo e as pessoas. “Mostra com toda a nitidez os dilemas e as contradições nas quais envolvem-se os seres humanos, inseridos em situações conflitantes que os impelem para a ação. Agir é perigoso. Mas é preciso agir, pois a ação exprime, em sua essência, a vida” (FREITAG, 2002, p. 05).

A famosa peça de Ésquilo – *Prometeu Acorrentado*, oferece um significativo exemplo de tragédia formativa. Em cena temos o martírio de Prometeu, revelando um enredo que põe em xeque temas como o conhecimento, o poder, a justiça, a obediência, a ganância e a tirania dos poderosos em relação aos mais fracos. Como afirma Jaeger: (2013, p. 285): “É com razão que Aristóteles diz que os personagens da antiga tragédia não falam retoricamente, mas sim politicamente. [...] É nisto que assenta a sua força educadora, moral, religiosa e humana, pois tudo isto engloba a ampla concepção do novo Estado”.

Essa alegoria que permite por meio da tragédia pensar nos problemas políticos e sociais que emergem das relações dos governantes para com os governados, atribuiu a tragédia grega uma espécie de “crônica metafórica”¹² que ao expor o julgo de Zeus sobre as ações de Prometeu revelam como um governante egocêntrico castiga aqueles que vão contra sua vontade. “Assim, o teatro, em Atenas, é também e sobretudo um lugar de representação das contradições que laceram o corpo da cidade e as consciências de seus membros” (CAMBI, 1999).

¹² Crônica é um gênero textual que hoje está presente em jornais, revistas e outros meios de comunicação escrita, que aborda questões comuns do dia a dia, ao relacioná-la com o termo metafórico quero expor como a tragédia se mostra como objeto figurado relacionado com a vida real e seus problemas cotidianos.

Barbara Freitag (2002), citando Vidal-Naquet, atribui a tragédia grega três funções básicas: a expressão artística, a educação do público e a função catártica.

1. **A expressão artística** do dramaturgo revela-se no domínio perfeito da linguagem, comunicando, na tragédia em questão, emoções, problemas ou conflitos emocionais e morais de um grupo ou uma coletividade a um público mais amplo.
2. **A educação do público** ocorre quando a tragédia encena os vários pontos de vista de um problema ou conflito, sob a forma de diálogos, permitindo ao público formar sua própria opinião, ouvidos os argumentos de todas as partes.
3. **A função catártica** é preenchida quando uma peça permite reduzir, no público, a tensão pulsional, provocada pelos conflitos individuais e sociais encenados, por meio da identificação das pessoas do público com um ou outro personagem da peça. (FREITAG, 2002, p. 05).

Como podemos perceber as três funções apontadas por Freitag se relacionam entre si em um processo formativo das emoções: na primeira comunica as emoções, problemas e conflitos morais da coletividade, na segunda quando permite ao público formar suas próprias opiniões e na terceira quando provoca conflitos individuais e sociais trazendo essa identificação do público para com as personagens. Essas características da tragédia revelam seu potencial na proposição da educação coletiva que a definiu como elemento importante na formação do homem grego.

3. Prometeu, mito e tragédia que educa o homem grego.

O período clássico grego, ao transportar o mito para o teatro atribui aos seres míticos/religiosos características das fraquezas humanas. Elaboram no cotidiano da *polis* ao que se refere a política, economia e vida social, situações que permitiam a seus espectadores refletir sobre a participação do povo nas decisões da cidade. Por meio da tragédia e da comédia uma revolução do pensamento foi estabelecida, denúncias satirizadas e drama configuram uma educação das emoções, revelam aos gregos clássicos seus problemas cotidianos, sociais, econômicos e políticos. Demonstrando o potencial formativo que a tragédia empunhava diante das massas. Freitag (2002) destaca:

A tragédia grega alimenta-se da mitologia. O mito, forma original de representação das emoções, dos conflitos, das ações humanas projetadas em personagens mitológicos, fornece a matéria-prima para a trama dos protagonistas da tragédia. Aqui são encenadas emoções e conflitos universais, vinculados inevitavelmente à condição humana, com fim trágico (a morte) de quase todos os personagens. Os atores e suas ações assumem feições típico-ideais, quase caricaturais. Dessa forma, a tragédia grega exprime, nos planos

dramático e literário, os traços essenciais da questão moral (FREITAG, 2002, p. 05).

Ao nos utilizarmos da tragédia de Ésquilo “Prometeu Acorrentado” para discussão, acreditamos ser necessário situar o leitor em relação ao mito que a tragédia toma como referência, portanto, traremos a narrativa como uma introdução da tragédia.

Nas mais diversas religiões e mitologias a gênese¹³ é o momento da história em que se dá o início de todas as coisas, desde a criação do mundo aos seres que nele vivem. Quando as ações dos seres divinos, dotados de grande sabedoria e poder dão origem a tudo. A mitologia grega não se diferencia nesse sentido das outras, apesar de ter em sua gênese, histórias de longas batalhas onde filhos destronam seus pais da regência do universo, leva-se tempo até se chegar ao mundo dos homens.

A narrativa descreve que após a guerra com os Titãs e o triunfo de Zeus (Júpiter)¹⁴ como o rei dos deuses, os titãs Prometeu e seu irmão Epimeteu¹⁵ que, haviam ajudado Zeus a vencer e aprisionar os outros Titãs nas profundezas do Tártaro¹⁶, foram incumbidos de povoar a terra com seres vivos. Enquanto Epimeteu criava os mais diversos animais que povoavam o ar, os mares e a terra, Prometeu criou os homens de aparência física semelhante à dos deuses, mas não possuindo sabedoria ou astúcia, os humanos viviam na escuridão, escondidos em cavernas e comendo aquilo que encontravam na natureza.

Certo dia, Prometeu convencido que os homens, sua criação, tendo o controle do fogo e o conhecimento que só os deuses até então possuíam, poderiam avançar e evoluir como seres autônomos, que não precisam mais da piedade dos deuses para sobreviver. Então, para ajudar a humanidade, Prometeu invade o vulcão “fonte primária do fogo”, domínio do deus ferreiro Hefesto (Vulcano) e rouba o fogo eterno, levando-o para os mortais. Ao apresentar as maravilhas que o fogo possibilitaria, Prometeu ensina os homens a usar o fogo para cozinhar a carne que antes era dura de comer, a moldar o ferro em armas e ferramentas, mostra as ervas e raízes que curam, ensina a domesticar animais, utilizar suas peles para aquecer seus corpos e a

¹³ Origem e desenvolvimento dos seres. No sentido figurado, conjunto de fatos ou elementos que contribuíram para produzir uma coisa.

¹⁴ Os deuses da mitologia grega foram adotados pela cultura romana, obtendo outros nomes aqui nos utilizaremos de quatro deles. Para os gregos Zeus, Hefesto, Hera e Hermes, para os romanos respectivamente Júpiter, Vulcano, Juno e Mercúrio.

¹⁵ Os nomes dos irmãos Prometeu e Epimeteu possuem cada um significado. Prometeu é aquele que pensa antes de agir, talvez por isso se atribua a ele o dom da vidência e Epimeteu é aquele que age e depois pensa, sua característica que mais se aproxima da condição humana.

¹⁶ Na Ilíada, de Homero, representa-se o Tártaro como a prisão subterrânea que está tão abaixo do Hades quanto a terra está do céu. Ainda segundo a mitologia, nele são aprisionados somente os deuses inferiores, Cronos e outros titãs, enquanto que os seres humanos são lançados no submundo (inferno), chamado de Hades.

se valerem da força desses animais para carregar cargas pesadas e arar as terras, também ensina a diferenciar as estações do ano e fazer proveito delas para o cultivo de grãos. Dessa forma a humanidade torna-se mais autônoma, numerosa e dá-se origem a grandes cidades, o que torna os mortais cada vez menos dependentes dos favores dos deuses. Zeus ao ver os homens dominando o fogo e as ciências, que antes eram atributos únicos dos deuses, enche-se de ira contra Prometeu e determina contra ele um castigo severo. Esse castigo é o que inspira Ésquilo a criar sua tragédia e compõe o enredo de “Prometeu Acorrentado”, no período clássico da Grécia.

O trágico Ésquilo (525 – 456 a. C.) foi um dos mais importantes dramaturgos e poetas gregos. Conhecido como o “Pai da Tragédia”, é o mais antigo dos três grandes trágicos gregos conhecidos¹⁷. Sendo o autor de mais de 79 peças das quais apenas sete sobreviveram à modernidade. Ésquilo nasceu em 525 a.C. em Elêusis próximo a cidade de Atenas, provavelmente pertencia a uma família aristocrática. Cresceu em um momento de instabilidade política, quando as *polis* gregas transitavam de um modelo administrativo tirânico e surgia a democracia. Participou de famosas batalhas como as de Maratona, Artemísio e Salamina. Destacou-se pelo talento literário escrevendo setenta tragédias e vinte dramas, venceu por várias vezes as competições dionisiacas¹⁸ do festival de teatro ateniense, sendo um inovador ao inserir nas suas peças o uso de máscaras, a utilização do coro como instrumento de lirismo¹⁹ e o emprego do diálogo, tendo um segundo ator em cena. Ésquilo também atuava em suas peças e se encarregava das coreografias e das encenações. O trágico morreu por volta de 456 a.C. em Gela, na Sicília.

Na peça, Prometeu dialoga com outras personagens. São eles: Hefesto (Vulcano), deus do fogo e metalúrgico de quem Prometeu roubara o fogo das forjas para cedê-lo aos homens e que agora tem a incumbência de aprisioná-lo no monte Cáucaso. O Poder e a Violência, entidades titânicas que fiscalizam o trabalho de Hefesto para depois reportar a Zeus, esta segunda, que mesmo presente, é uma personagem sem fala na peça, juntas representam a cólera/força de Zeus. O Coro das ninfas, filhas de Oceano, que ao ouvirem os lamentos de Prometeu, aproximam-se e se compadecem de seu sofrimento desenvolvendo um intenso diálogo com ele. O Oceano que vem até Prometeu propondo-lhe interceder por ele junto a Zeus

¹⁷ Os três grandes trágicos mais conhecidos da Grécia são Ésquilo, Sófocles e Eurípedes.

¹⁸ As Festas Dionisiacas eram celebrações de caráter cívico-religioso, ou seja, conciliavam aspetos da política e da identidade de Atenas, servindo como fator de agregação da sociedade ateniense. Dentro de algumas dessas festas eram realizados concursos teatrais que, envolvendo competitividade e sociabilização, serviam para suavizar conflitos internos dentro da polis. Nessa festividade ocorriam um sacrifício, uma procissão e um concurso teatral.

¹⁹ Caráter subjetivo ou romântico da arte em geral.

na busca de salvá-lo do castigo imposto pelo rei do Olimpo. Io é a única personagem humana que chega até o local da expiação de Prometeu por estar fugindo da fúria e ciúme da deusa Hera (Juno). Por fim, Hermes (Mercúrio) vem como mensageiro buscando saber para Zeus sobre a profecia que revelaria quem o destinará do Olimpo.

3.1 Prometeu Acorrentado a tragédia de um deus na ascensão dos homens

Ao entregar o fogo aos homens e ensinar-lhes todas as artes e ciências, Prometeu comete um crime contra a casta superior a qual pertencia, a tragédia revela agora uma trama que racionaliza o mito. Este não está mais ligado essencialmente às questões religiosas de sua herança poética de Homero e Hesíodo, mas insere-se no contexto da vida da cidade, implicando em refletir se o crime de prometeu é realmente um crime ou um ato de protesto.

Apesar de se tratar em sua maioria de personagens divinos, tendo apenas “Io” como personagem humana, se verifica que a tragédia incide uma atenção maior no homem e os benefícios que receberam de Prometeu, quando a personagem lança seu lamento, esse traço fica mais evidente.

*Prometeu - Os benefícios que fiz aos **mortais** atraíram-me esse rigor. Apoderei-me do fogo, em sua fonte primitiva; ocultei-o no cabo de uma férula, e ele tornou-se para os **homens** a fonte de todas as artes e um recurso fecundo... Eis o crime para cuja expiação fui acorrentado a este penedo, onde estou exposto a todas as injúrias! (ÉSQUILO, 2005, p 13)*

Agora Hefesto, incumbido de acorrentar Prometeu no cume do monte Cáucaso onde o sol queimará seu rosto e todos os dias a águia de Zeus irá comer-lhe o fígado durante o dia e a noite ele se restauraria para no dia seguinte ser mais uma vez comido, numa repetição infinita na intenção de tortura-lo pela ofensa cometida contra os deuses. Sendo supervisionado de perto pelo Poder, Hefesto é repreendido, pois parecia não estar feliz com sua tarefa. Nesta passagem também é possível perceber o foco nos homens, aqui denominados de mortais e a força do jugo de um tirano.

*O poder – Cumpre-te agora, ó Vulcano, pensar nas ordens que recebeste de teu pai, e acorrentar esse malfeitor, com indestrutíveis cadeias de aço, a estas rochas escarpadas. Ele roubou o fogo, - Teu atributo, precioso fator das criações do gênio, para transmiti-lo aos **mortais**! (Ésquilo, 2005, p 5)*

O que ainda podemos perceber é uma espécie de aviso. Quando, antes de agir contra os desígnios dos poderosos, pense-se, quais serão as consequências a se colher dessa

desobediência? Aqui, podemos perceber o que mais acima Mario Manarcorda (2010) já nos anunciava ao citar Arquitas de Taranto sobre as relações de dominantes e dominados. A tragédia formula uma espécie de comunicado ou regra comportamental, de que lugar social cada um pertence e quais os comportamentos e/ou ações não serão tolerados. Sabe-se que Ésquilo escreve sua tragédia em um momento de grande furor político na Grécia, quando os modelos tirânicos estavam se diluindo e a democracia emergindo. A tragédia revela uma educação pelo medo, pelo castigo, mas ainda, acima disso, uma educação das emoções. Quanto a essa personalidade e governança através do medo podemos destacar quando prometeu diz;

Prometeu - Vede, eis aqui, coberto de correntes, um deus desgraçado, incursão na cólera de Júpiter, odioso a todas as divindades que frequentam seu palácio, tudo isso porque amei os mortais... (ÉSQUILO, 2005)

[...]

Prometeu - Júpiter é rígido, bem o sei; sua vontade só, é, para ele, a justiça. No entanto, na iminência de imprevistos golpes, sua cólera indomável se há-de aplacar; e, com tanta solicitude como eu próprio teria, há-de procurar meu socorro e minha amizade. (ÉSQUILO, 2005, p 17)

A tragédia ao curso que revela essas relações dicotômicas de dominantes e dominados e seus pontos de embate, também conscientiza seus espectadores, dizendo que existe ali, no contexto político grego relações tensionadas, como nos apontou mais acima Werner Jaeger ao trazer a afirmação de Aristóteles que as personagens da tragédia grega não possuem discursos retóricos e sim políticos.

Diante da sociedade grega, que se torna a grande referência do conceito de democracia para as futuras gerações ocidentais, a consciência crítica em relação à política e a justiça/injustiça deu ao teatro o status de um espaço de denúncia dessas fragilidades do cotidiano, “referentes a escolhas políticas, éticas psicológicas, como ocorre pelo incesto em Édipo Rei ou pelas leis interiores superiores às cidades na Antígona de Sófocles, como também pela aceitação do destino na Oréstia de Ésquilo” (CAMBI, 1999).

Prometeu acorrentado, nos fornece um compilado de ações formativas, desde que Prometeu ensina o domínio do fogo, as artes e ciências para os mortais ele torna-se um ativista, assim como nos aponta Vernant (2000, p 60): “Prometeu possui um espírito de rebelião, esperto e indisciplinado, está sempre pronto para criticar”.

Podemos também perceber o caráter político-educativo que reside na passagem do conhecimento do fogo, de Prometeu para os mortais. Quanto a isso, Freire (1987, p. 12) nos indica “Se a direção racional de tal processo já é política, então conscientizar é politizar”. Assim, podemos concordar com Freire quanto a ideia que o ato de educar é por natureza um

ato político, que busca um modelo societário, que perseguido pela educação almeja alcançar a compreensão do lugar social que ocupa cada sujeito. O mito e mais tarde a tragédia permitiram que os gregos identificassem suas fragilidades e lutassem por seu modelo societário e na tentativa de superar as relações de opressão deram origem a democracia, Prometeu cometeu o seu primeiro ato político e educativo ao dar o fogo aos homens e ensinar-lhes todas as artes.

Na forma representativa da tragédia, o mito se configurou na Grécia como uma experiência formativa. Seu caráter revelador de fraquezas, potenciais, modelos de opressão e/ou possibilidades de soluções permitiram que nesse espaço-tempo da história arcaica e clássica dos gregos desse origem a um novo modo de cultura, educação e pensamento. Por qualquer dos modos que o mito se apresenta é através da experiência figurada que dele surge, que se pôde definir parâmetros, pontos de aproximação e distanciamento que permitiram educar as emoções e possibilitar o exercício de reflexão e de criticidade dessa civilização. Por formar através das significações ele possibilitou uma formação mais interiorizada, não homogênea, entretanto, extraordinária no caso dos gregos. Tais reflexões, permitiu pensar e vislumbrar um novo modo de enxergar o mundo e as pessoas, servir como inspiração para as gerações posteriores, talvez seja, de modo audacioso de se pensar, o embrião das utopias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já destacamos neste trabalho, aprender a ler e escrever será muito importante na formação do homem, pois possibilitará instrumentalmente acessar os escritos para sua leitura e decodificação, mas é no exercício da reflexão, da crítica, da conscientização do estar no mundo e de outras formas de existir dentro dele que o processo formativo busca humanizar os sujeitos, de modo que, encontrem no reconhecimento do outro como sujeito diverso a essência de uma consciência, de um mundo de seres múltiplos.

A formação dos sujeitos, tendo o mito e a tragédia como instrumento reflexivo na experiência grega, implica pensar o processo formativo fora da caixa do utilitarismo ou de uma formação para o mercado de trabalho. Acreditamos em uma formação direcionada à vida que está além das coisas palpáveis e exige um exercício de internalização mais profundo. Pensar as coisas que subjetivamente influenciam o nosso processo de apreensão sobre o mundo e o modo de se estar nele.

A educação desenvolvida na antiga Grécia por meio de seus mitos, ritos e pela tragédia faz acreditarmos na possibilidade de uma formação mais ampla, que não esteja pautada em conteúdos e técnicas simplesmente de leitura e escrita, mas que permita uma relação mais

internalizada com o conhecimento e as possibilidades de superação dos problemas que se apresentam.

Compreendemos, portanto, que o mito e mais tarde a tragédia se relacionaram com a educação e se constituíram como potentes instrumentos formativos das massas. Esse entendimento nos leva a pensar em como esse processo de formação se perdeu ou foi colocado de lado nos processos educativos atuais, que em sua maioria estão fechados em conteúdo e técnicas, dando pouco espaço ao pensar, o que provavelmente permitiria alcançar a autonomia e emancipação dos sujeitos e desenvolver uma consciência crítica e política mais interiorizada.

Ao trazer o mito/tragédia de Prometeu, buscamos evidenciar caráter racional. Sua trama conduz ao encontro do homem e o conhecimento, que os liberta da condição de dependência e ignorância. Talvez a grande herança deixada pela educação dos helenos, seja esse processo metodológico onde dialoga com a vida com as narrativas, poesia e tragédia possibilitando o encontro com o estranho, que através da arte se tornou familiar/íntimo.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**, Vol. 1. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 1986
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora das UNESP (FEU), 1999.
- DESLANDES, S.F. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (Organizadora). Petrópolis – RJ. Vozes, 1994.
- ÉSQUILO. **Prometeu acorrentado**. Tradução: J.B. de Melo e Souza. Clássicos Jackson, vol. XXII. ebooksbrasil.com/exilado (Epub e Kindle). 2005
- FERREIRA, Amauri Carlos. **Os Gregos: a aprendizagem pela narrativa e representação**. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 21, n. 35, 2020. Belo Horizonte – MG 2019.
- FREITAG, B. **Itinerários de Antígona: a questão da moralidade**. Papirus, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- JAEGER, Werner Wilhelm. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução Artur M. Parreira. – 6ª Ed. São Paulo: Editora: Martins Fontes, 2013.
- LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, M.A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo. Atlas, 2003.
- MANACORDA. M.A. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. Tradução de Gaetano Lo Monaco; revista técnica da tradução Paolo Nosella. 13ª ed. São Paulo. Cortez, 2010.

- MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13ª Ed. São Paulo. Editora Hucitec, 2013.
- PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1985.
- ROCHA, Everardo. **O que é Mito**. 5ª Ed. São Paulo. Brasiliense, 1996.
- VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. 1ª ed. 2ª tiragem. Tradução de; Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo. WMF Martins Fontes, 2006.
- VERNANT, Jean-Pierre. **O universo, os deuses, os homens**. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.
- WELLER, Wivian. **Aportes Hermenêuticos no desenvolvimento de metodologias qualitativas**. Linhas Críticas. Brasília, DF, v.16, n.31, p.287 – 304, jul./dez. 2010. ISSN 1516-4896.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO PEDAGOGIA-LICENCIATURA



PARECER DE AVALIAÇÃO DE TCC
PARA DEFESAS POR VIDEOCONFERÊNCIA
NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19

Parecer a ser anexado a Ata de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso que foi realizada integralmente, por videoconferência, envolvendo a Banca Examinadora e o(a) discente, por meio de recursos de videoconferência, que possibilitaram realizar a discussão acadêmica sobre o objeto de estudo. A defesa assim ocorre, em virtude da suspensão das atividades acadêmicas presenciais, adotada pelo Consórcio Pernambuco Universitário e os Institutos Federais do Estado de Pernambuco (UPE, UFPE, UFRPE, IFPE, IFR Sertão, UNICAP e UNIVASF), por período indeterminado, considerando a pandemia do novo Coronavírus (COVID-19).

.....
Estudante: Djhone de Barros Chaves Souza

Orientadora: Profa. Dra. Maria Betânia do Nascimento Santiago

Título: **MITO E TRAGÉDIA NA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA DA GRÉCIA ANTIGA:
UM OLHAR PARA A NARRATIVA DE PROMETEU.**

Data da defesa: 16/12/2021

Examinador 1: Ana Maria de Barros

Examinador 2: Nelio Vieira de Melo

PARECER

O trabalho atende as exigências teórico-metodológicas, faz importante paralelo entre a mitologia e a tragédia grega e sua relação com a educação. Traça a partir do mito de "prometeu" os desafios de desafiar o status quo.

Excelente trabalho.

Menção da Examinadora: nota 10,0, com indicação para publicação